

QUINZE TONS DE CONSTRANGIMENTO

Ana Paula Barbi



Meu primeiro amor deveria ter sido um sinal do que estava por vir.

Ele era filho do zelador do prédio onde tínhamos apartamento no Guarujá e chamava Crisnatágoras. Nos conhecemos quando eu tinha 11 anos e o que nos aproximou foi a perseguição dos nossos coleguinhas do condomínio.

Crisnatágoras, por se chamar Crisnatágoras, foi apelidado de *Fiznastábuas* e passaram a dizer que viram ele cagando em umas tábuas na praia. Eu, por chamar Barbi, tinha que ouvir todo mundo cantando *Barbie Sereia, Ana Paula faz cocô na areia*.

Unidos pelo bullying fecal.

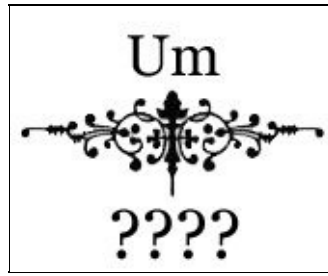
Passamos as férias todas juntos, tomando sorvete, ouvindo Bon Jovi e fugindo dos bullies. Quando recomeçaram as aulas precisei voltar para Campinas, mas nós juramos amor eterno e (como sou velha e isso foi antes da internet) trocávamos cartas apaixonadas com fitas cassete para manter a paixão acesa enquanto aguardávamos nosso tão sonhado reencontro.

O reencontro infelizmente nunca aconteceu porque o pai de Crisnatágoras foi pego roubando um dos apartamentos e a família toda foi expulsa do prédio.

Nunca mais vi Crisnatágoras e tudo que me restou foi passar o resto da vida tentando achá-lo na internet.

Você quis dizer: krishna tagore

Não, Google. Não quis.



Eu minto muito, mas vamos começar com uma dose de sinceridade: não lembro o nome de metade das pessoas que aparecerão nessa lista, inclusive o primeiro. Sim, não lembro o nome do primeiro pênis que me penetrou. Me julgue. Em minha defesa, eu estava bêbada e foi há 15 anos.

Era final de 98 e, como todos os anos, eu ia passar o réveillon no Guarujá. Mamãe e o resto dos adultos da família só iriam no dia 30 porque precisavam trabalhar, mas eu e meu primo fomos antes com alguns amigos.

Logo na primeira noite resolvemos fazer um luau na praia. Como ninguém tocava violão ou sabia acender uma fogueira, compramos uma garrafa de 51 e abrimos nossas cadeiras de praia em frente a um bar de reggae para aproveitar a música e a luz deles. Belíssimo luau. Em algum lugar, Bob Marley chorou uma lágrima regueira.

Pessoas no luau: eu, com o frescor dos meus recém completados 15 aninhos; uma prima que estava tomando Roacutan para as espinhas e não podia beber; meu primo extremamente homossexual que passava por uma fase hétero e estava pegando uma amiga nossa insuportável; a amiga insuportável que estava pegando meu primo e foi convidada apenas por pena, porque uns dias antes da viagem estava dançando em cima de uma mesa, caiu e quebrou o pé. Ou seja, além de insuportável, estava de muletas. Na praia.

A insuportável também não podia beber por causa dos remédios pro pé quebrado, então os únicos bebendo éramos eu e meu primo. Tinha como dar certo? Não tinha.

A noite estava ótima, como são todas as noites regadas a cachaça sem gelo direto do gargalo, mas em algum momento eu resolvi que nosso luau precisava de mais gente e fui em busca de novos amigos. Saí procurando alguém na praia e vi um cara sentado sozinho contemplando o mar. Vítima perfeita. Começamos a conversar e ele deve ter me contado a vida inteira dele, mas se não lembro nem o nome do rapaz, imagine sua história de vida.

Mas lembro que ele estava acampando sozinho e eu achei isso o máximo. Devo ter achado tão legal que ele quis me mostrar a barraca dele. Ah, meus 15 aninhos. Eu não tinha a menor ideia das implicações do convite para conhecer a barraca de alguém.

No caminho pro lugar onde ele estava acampado passamos pelo meu luau. Sabe quando você não tem muita certeza se está tomando a decisão certa ou não? Então. Quando passamos pelo meu luau vi minha prima sóbria sendo atacada por um cachorro enquanto meu primo homossexual cagava de cócoras com a amiga insuportável fazendo carinho nele com uma mão enquanto tentava espantar o cachorro que atacava minha prima com a outra. Nessa hora tive certeza de que estava fazendo a coisa certa me afastando dos

trapalhões.

(História não relacionada: esse meu primo na época evitava tomar banho e entrar no mar pra não estragar sua chapinha no cabelo. Três dias depois desse incidente dele cagando na praia encontramos um pedacinho de cocô ainda preso nos pelos da perna dele. Juro por Deus. Essa é minha família, esse é meu clube.)

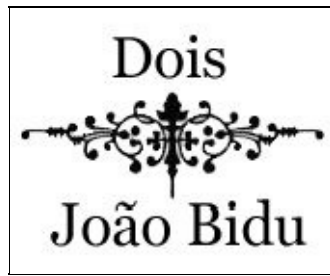
(Comentário não relacionado: ainda estamos na primeira história e a palavra cocô já foi usada duas vezes. Se quiser desistir a hora é agora, é daqui pra baixo.)

O resto da noite é um borrão. Quando dei por mim a gente estava se beijando e quando dei por mim novamente a gente estava transando à luz do luar. OK, não lembro se tinha luar naquela noite, mas estou tentando dar uma romanceada nessa história pouco nobre.

Bem. Depois de dada a buceta, me despedi do cara e disse que ia voltar para o luau porque já devia ser tarde e eles provavelmente estavam preocupados. Chego lá e cadê todo mundo? Me abandonaram e ainda deixaram minha cadeira pra trás.

Me arrastei de volta até o apartamento e quando cheguei a porta estava trancada, não basta me abandonar ainda me deixam pra fora. Sendo o ser humano extremamente racional que sou, em vez de tocar a campainha ou buscar a chave reserva na portaria, comecei a tentar derrubar a porta a socos e pontapés. Quando percebi que não ia rolar, decidi pular a janela da área de serviço. Caí com uma perna dentro do tanque e outra dentro de um balde, com os braços presos no varal. E enquanto estou nessa posição ridícula, quem aparece e acende a luz? Mamãe. Antes que ela começasse a questionar qualquer coisa, comecei a chorar AIMEUDEUSMÃEAINDABEMQUEVOCÊTÁAQUI, ACREDITA QUE ME ABANDORAM SOZINHA NA PRAIA? FUI COMPRAR UM REFRIGERANTE E QUANDO VOLTEI NÃO TINHA MAIS NINGUÉM, FIQUEI DESESPERADA, ESTAVA PROCURANDO ELES ATÉ AGORA ME ABRAÇA ACHEI QUE IA MORRER.

Até hoje não sei se a história colou ou não, mas caso ela esteja lendo, foi isso que aconteceu aquela noite, mamãe. Beijos.



Não confio em ninguém que não passou por uma fase ridícula. Se você não olha fotos da sua adolescência e pensa "minha nossa, como eu era ridículo" isso provavelmente significa que você ainda é ridículo. Tipo um amigo meu que toca em uma banda cover do KISS há 12 anos. Ele acha que era babaca 12 anos atrás? Não, porque segue sendo babaca.

Nunca cheguei ao ridículo de me fantasiar de Paul Stanley, mas passei por uma fase muito mística esotérica que usava saia indiana e não saía de casa sem um incenso na bolsa (bolsa feita de lã de lhamas peruanas, obviamente). A cereja do bolo sabor constrangimento é que eu assinava a revistinha do João Bidu. Pois é.

Mas calma que piora.

Numa edição especial da revistinha, João Bidu ensinou a fazer um oráculo mágico apenas com uma cartolina, barbante e uma chave antiga. Você precisava cortar um círculo de cartolina, escrever sim e não em extremos opostos. Se a chave no barbante rodasse no sentido do sim, a resposta era sim. Rodasse pro lado oposto, não.

Nessa época eu ia toda sexta-feira em uma festa na mesma república da UNICAMP e toda semana eu pegava um cara que morava lá. Eu deveria lembrar o nome dele porque essa pegação durou bem uns quatro meses, mas vamos chamá-lo de João Bidu.

Enfim. Já fazia um tempo que eu estava pegando João Bidu, mas nunca tínhamos transado, parava sempre na mão naquilo, aquilo na mão. Curiosa para saber o que o destino nos reservava, perguntei para meu oráculo de cartolina se iria rolar sexo aquela noite ou não. O oráculo respondeu que sim, então botei uma calcinha nova e fui para a festa.

Chegando lá, nem sinal do João Bidu. Passei a noite inteira atrás dele e nada. Quando já estava indo embora, muito desapontada com meu oráculo mágico, minha carona lembrou que ainda tinha algumas fichas de cerveja e me pediu para ir trocá-las enquanto ele esperava no carro. Muito a contra gosto, ansiosa para chegar logo em casa e poder rasgar o oráculo mentiroso em mil pedacinhos por ter me iludido, voltei para a festa e fui direto para o caixa. Nisso João Bidu aparece e me puxa pela mão para o quarto dele. Enquanto a gente tirava a roupa, a única coisa que passou pela minha cabeça foi **O ORÁCULO ESTAVA CERTO!**

Horas depois, quando fui procurar minha carona, pronta para dizer nossa, você não imagina a fi-la que estava para trocar essas fichas, ele já tinha ido embora. Esse lance de trepar e ser abandonada pelos amigos estava virando hábito. Peguei a grana das fichas, entrei num táxi e fui para casa.

Na semana seguinte, antes de sair para a festa, consultei meu oráculo mágico novamente e ele me garantiu

que rolaria sexo de novo.

E o que rolou? Quando cheguei na república a festa tinha sido interditada pela polícia porque acharam uma plantação de maconha na casa. O oráculo não contava com a força da lei.

Nunca mais vi João Bidu e deixei de ser mística.



Nas férias de 2001 eu precisei decidir se queria ir para o Rock in Rio sem dinheiro ou ir para o nordeste com mamãe e tia Daisy. Minha fase hippie mística já tinha passado, então escolhi o nordeste por motivo de: hotel cinco estrelas.

O fato de estar com a família não influenciaria em nada as chances de humilhação pública, posto que a última viagem que fizemos juntas acabei seguindo um trio elétrico da Baby Consuelo correndo em círculos gritando VIVA MONTEIRO LOBATO QUINHENTOS ANOS DE VISCONDE DE SABUGOSA QUINHENTOS ANOS DE BRASIL enquanto Baby cantava Emília, a boneca gente.

Não cheguei nesse nível de ridículo em Fortaleza, mas um belo dia estava andando pelo calçadão e avistei um loiro com pinta de alemão gatíssimo sentado no quiosque em frente ao meu hotel. Sentei na mesa ao lado e fiquei usando o poder da mente (resquícios da fase mística) para ele falar comigo. O poder da mente falhou, então apelei pro poder da meteorologia e mandei um *calor, né?* pra começar o papo.

Combinamos de jantar mais tarde na praia de Iracema. Para fugir de mamãe inventei que tinha encontrado uma amiga da escola e ia sair com ela e os pais, mas se tivesse dito que tava indo ali assaltar um banco teria dado na mesma, ela só tinha olhos para a caipirinha. Filho de peixe, etc.

Chegando lá, mas que vergonha. Só tinha maconha. Brinks. Chegando lá ele estava com um amigo e o amigo por sua vez estava com outra biscate. Na hora achei ótimo outra biscate para sermos biscates juntas, mas não foi muito legal biscatear com ela não.

Ela não falava inglês, então eu tinha que ficar de intérprete pra ela e o amigo do meu gato. Tava quase pedindo para me deixarem em paz e se virarem na língua do amor, quando os dois rapazes engataram um papo em alemão. Aproveitei para conhecer melhor minha nova amiga.

- E você é de onde?
- Minas.
- Legal, eu sou de Campinas.
- Chegou quando?
- Dois dias, vim com minha mãe e minha tia.
- E elas sabem que você faz programa?
- Desculpa, não entendi.
- Sua mãe e sua tia.
- Que tem?
- Elas sabem que você faz programa?

A coitada precisou repetir a pergunta mais umas três vezes até meu eu inocente de 17 aninhos entender o que estava acontecendo. E quando a ficha finalmente caiu, eu e minha amiga biscate/prostituta nos deparamos com outro problema: ou o cara dela não sabia que ela era garota de programa ou o meu achava que eu também era.

Obviamente o problema da A.B. (Amiga Biscate) era pior, porque se o cara não soubesse que ela era profissional ela estava perdendo horas de trabalho. Se o meu achasse que eu era profissional, eu ganharia uns trocados por algo que já tinha saído de casa disposta a fazer de graça.

Decidimos que ela ia sair rapidinho, pra achar um orelhão e ligar para o cara que tinha arrumado o encontro pra ela e confirmar a história, enquanto eu enrolava os dois.

- Mas você volta mesmo, né?
- Lógico, vou só ligar e já volto.

Estou esperando até hoje.

Ela nunca mais voltou e tive que jantar com os dois enquanto tentava explicar porque ela tinha fugido.

No final largamos o amigo rejeitado na praia, fomos para o hotel dele e transamos a noite inteira. Na hora de me despedir fiquei esperando um envelope com dinheiro mas só ganhei um abraço.

E essa foi minha curta passagem pelo mundo do turismo sexual.



Duas coisas que faço muito bem: mentir e cair.

Na véspera da minha primeira viagem para a Argentina consegui rolar dois lances de escada e cheguei em Buenos Aires parecendo que alguém tinha me rabiscado com um carvão de tão pretos que estavam meus hematomas. A viagem de trinta e cinco horas até lá foi bem agradável, como você deve imaginar.

No meu segundo dia no albergue, ainda arreventada do tombo, fiz amizade com uma peruana hospedada no mesmo quarto, que ficou horrorizada quando viu meus machucados e perguntou o que tinha acontecido. Não estava muito numas de explicar o ocorrido porque 1) é ridículo admitir para alguém que acabou de conhecer que aos 21 anos de idade você ainda não dominou a arte de subir e descer escadas; 2) falar, assim como respirar, dóia. Respondi que era uma longa história e não queria falar sobre isso.

Naquela noite, essa peruana me chamou para ir a uma boate de salsa encontrar uma amiga argentina dela. Expliquei que não danço salsa nem quando estou saudável, que dirá com hemorragia interna, mas daí ela disse que era open bar e eu fui buscar minha bolsa.

Chegando lá encontramos Gabriella, a tal amiga argentina. Gabriella era maravilhosa, aquele tipo de mulher que você não consegue decidir se prefere agarrar ou *ser* ela.

Enquanto a peruana dançava, Gabriella ficou me fazendo companhia.

- Você tem falado com ele?

- Ele quem?

- O cara que te fez esses machucados. Ela me contou o que aconteceu.

Risos. A peruana encarou meu "não quero falar sobre isso" como "apanhei do meu namorado e fugi pra Argentina". Por isso que o Peru não vai pra frente.

E o que eu fiz? Expliquei o mal entendido? Lógico que não. Resolvi viver essa mentira intensamente. Conte todos os detalhes do meu relacionamento destrutivo e acho até que entre uma margarita e outra devo ter chorado.

Com cada mentira que eu contava, ela ia chegando mais perto.

Esse não foi meu primeiro relacionamento abusivo.

Puxou a cadeira mais pra perto.

Ele me empurrou da escada.

Segurou minha mão.

Tenho medo que ele venha atrás de mim aqui.

Começou a me beijar.

Não entendi muito bem esse fetiche dela por mulheres espancadas, mas quem sou eu pra reclamar. Como diria Zé Mayer: não tenho tipo, tenho pressa.

Largamos a peruana na boate bailando *como si no hubiera mañana* e fomos para o albergue. Lá, tomei a decisão que, de todas as decisões equivocadas que já tomei na vida, mais vai me atormentar até o fim dos dias: em vez de irmos para o meu quarto, fomos para o banheiro. Banheiro compartilhado por mais de quarenta pessoas. Sinto arrepio até hoje só de lembrar daquela poça imunda no chão enquanto rolávamos apaixonadamente sendo dois rodos humanos.

No final da noite precisei emprestar uma roupa para ela poder ir embora sem pegar leptospirose no caminho. A única coisa que coube foi uma calça militar que roubei do meu grupo de teatro quando fizemos *Miss Saigon*, mas menti que a calça era do meu ex.

Nunca mais vi Gabriella, nem a calça.



2005 foi o pior ano da minha vida. Em um ano ruim seu cachorro morre e você perde o emprego. No pior ano da sua vida você mora na rua, sobrevive comendo resto que as pessoas deixam na praça de alimentação e precisa encher a calcinha de papel higiênico porque não tem dinheiro para comprar absorvente.

(Taí uma coisa que ninguém discute, né? O governo distribui milhões de camisinhas todo ano pra qualquer um, mas se você não tiver dinheiro para absorvente se fode aí sangrando em todo mundo que cruzar o seu caminho. Bolsa Absorvente já!)

Nessa época eu estava morando em Uberlândia. Após uma breve passagem pelo abrigo da prefeitura, onde peguei piolho e um leve trauma de cagar de cócoras, aluguei um quartinho em uma pensão nos fundos de um salão de beleza. Quando eu digo nos fundos, não quero dizer em uma casa separada nos fundos do terreno. Os quartos eram dentro do salão, separados por aquelas divisórias de escritório. Imagina que delícia acordar todo dia com Brenda, a travesti dona do salão, ligando todos os secadores ao mesmo tempo enquanto ria alegremente. Sempre achei que era de propósito, mas nunca consegui provar.

Outras pessoas moravam no mesmo lugar, mas nunca dei muito papo para ninguém. Quando você não tem dinheiro nenhum, e mora em um cubículo dentro de um salão de beleza, é mais produtivo passar o seu tempo chorando e querendo morrer, em vez de socializando.

Por causa do barulho de Brenda, criei o hábito de sair de casa antes que o salão abrisse e voltar só quando já tivesse fechado. Ficava o dia vagando por supermercados, abrindo pacotes de bolacha e saindo sem pagar ou indo ao shopping pra comer o que deixavam nas bandejas na praça de alimentação.

Num desses dias cheguei em casa e estava todo mundo sentado na frente do salão, bebendo catuaba. Tentei fugir dizendo que precisava estudar (risos) e acordar cedo no dia seguinte para trabalhar (mais risos), mas não teve jeito. Quando dei por mim já tava com um copo de catuaba na mão.

Tudo que eu sei sobre o resto da noite descobri ouvindo Brenda fofocando no telefone na manhã seguinte:

...não, uma paulista morena, mudou faz pouco tempo... acho que você ainda não conhece, ela é quietinha e fica fora o dia todo... é, as quietinhas são as piores... ficou completamente bêbada e arrastou o Gustavo pro quarto dele... não, Gustavo é o entregador de água... foi pro quarto dele mas tava menstruada, na hora ele nem reparou mas ela tirou um monte de papel higiênico ensanguentado e jogou embaixo da cama dele... sei lá, não deve ter dinheiro nem pra absorvente... o coitado só descobriu a sujeira hoje de manhã e veio me pedir pra ajudar a limpar... lógico que não, né? não sou empregada de ninguém, ele que limpe sozinho... não, ainda tá dormindo... quero só ver a cara dela

quando acordar hoje...

Brenda ficou querendo, jamais vi ninguém naquela casa de novo. Passei o dia todo trancada no quarto sem dar um pio. Não bebi, não comi, não fui ao banheiro. Quando todo mundo já tinha ido dormir, fiz minha mala e fugi pra Curitiba, que me pareceu um lugar longe o suficiente pra nunca mais cruzar com essas pessoas na vida.



Uma época eu estava meio que namorando um gerente do Habib's. Adoraria dizer que estava apaixonadíssima e lembro de cada detalhe, mas a única coisa que lembro é que ele me dava esfihas. O nome me escapa. Na pobreza em que eu me encontrava, esfihas eram mais importante que amor.

A rotina do nosso relacionamento era basicamente essa: toda quarta-feira a gente se encontrava em um boteco convenientemente localizado entre o Habib's, um motel e a pensão em que eu morava. Bebíamos uma cerveja no boteco, subíamos para o motel, depois de transar ele descia no Habib's pra buscar umas esfihas, enquanto esperava ele voltar eu via tv, jogava fora a camisinha que sempre ficava no caminho, ele voltava, a gente comia, transava mais e ia embora.

Daí, uma noite, a gente tava seguindo essa rotina e, enquanto procurava o controle remoto pra ver a novela, me dei conta que a camisinha tinha sumido. Revirei o quarto inteiro atrás dela e nada. Será que ele jogou na privada? Levou no bolso pra jogar na rua? Guardou pra colar na agenda? Fiquei bolada e liguei pra ele.

- Você jogou a camisinha fora?
- Não.
- Mas usou?
- Lógico.
- Então fodeu, volta que a gente precisa ir pro hospital.
- Mas ainda quer as esfihas?
- Lógico.

E lá fui eu pra fila do pronto-socorro com uma caixa de Bib'sfihas embaixo do braço. Não deve ser muito higiênico comer em uma sala cheia de gente doente, mas eu estava com uma camisinha perdida dentro de mim, infecção hospitalar era o menor dos meus problemas.

Depois de muito tempo fui atendida, expliquei meu problema e a médica me pediu pra tirar a roupa e deitar na maca. Quando tirei o sapato: ASSÔ! A camisinha tinha caído dentro do meu sapato e calcei sem perceber. Pedi desculpas pra médica e dei uma enrolada para Habib's não achar que tinha ido muito rápido e suspeitar, porque obviamente eu não ia contar a verdade pra ele.

Na saída:

- E aí, tudo certo?
- Tudo.
- Precisa de alguma coisa?
- Comería mais umas esfihas.



Com a idade vem a sabedoria e você aprende a tomar decisões melhores. Coisas que eu fazia e não faço mais:

1. Beber vinho que custa menos de dois dígitos
2. Frequentar qualquer evento com mais de mil pessoas
3. Levar alguém para casa sem me certificar que a pessoa tem como ir embora

Nesse dia cometi os três erros.

Por algum motivo, achei que era o caso de ir como meus amigos para a parada gay. Com muito Cantina do Vale tinto suave na cabeça (cinco reais a garrafa de plástico), achei que estava numa micareta e saí pegando todo mundo que aparecia na minha frente. No final da noite, eu e uma amiga, que também chama Ana Paula, nos apresentávamos como Ana Paula & Ana Paula - as gêmeas safadinhas. De gêmeas só tínhamos o nome e a embriaguez.

Quando vomitei quinze reais de Cantina do Vale numa lixeira na Praça da República, achei que era hora de aceitar o final da noite e ir pra casa. Catei minha gêmea safadinha e os outros amigos e simplesmente subi na caçamba de uma saveiro que estava parada no semáforo e disse TOCA PRA CASA.

Enquanto íamos de carona pra casa, percebi que o último cara que peguei antes de vomitar estava com a gente na caçamba. Alguém chamou? Não, ninguém chamou.

Nem estava muito a fim de dar não, só queria vomitar mais um pouco e dormir, mas chegando em casa fui com ele pro quarto só para o coitado não perder a viagem.

Acabada minha boa ação, avisei que ele precisava ir embora.

- Mas eu preciso esperar até seis da manhã o trem pra Francisco Morato.
- Se não tivesse vindo pra cá ia ter que esperar do mesmo jeito, né?
- Não, eu ia embora de carona com meu amigo. Larguei ele lá pra vir com você.
- Veio por que quis, ninguém te chamou.
- Você me chamou!
- Não lembro disso não.
- Posso pelo menos dormir na sala?
- Não vou deixar um estranho sozinho na sala, né?
- Mas você me trouxe pro seu quarto!

- Sim, mas aqui eu estou acordada. Vai saber o que você vai aprontar na sala enquanto eu durmo.
- Posso pelo menos tomar um banho?
- Não dá, só tenho uma toalha.

Uma hora ele finalmente aceitou a derrota e foi embora, mas antes de sair olhou pra trás dramaticamente e disse: o que você está fazendo comigo eu não faria nem com um cachorro.

Bateu a porta e nunca mais vi.

Moral da história: Se você mora no subúrbio, pense bem antes de ir pra casa com a primeira biscate que aparece.



Quando minha vizinha anunciou que tinha arrumado um roommate italiano, ninguém imaginou que ele estaria mais pra Roberto Benigni que Marcello Mastroianni. Todo mundo esperando um Deus vindo direto das passarelas de Milão e me aparece um careca, de 1,50 de altura, vestindo regata e chinelo. Nada contra, peguei do mesmo jeito, mas não era o que eu esperava.

Além de não ser exatamente o que eu esperava de um ragazzo italiano, ele era apaixonado por outra. E não tinha vergonha nenhuma de ficar me lembrando disso toda vez que a gente se pegava.

Nossas sessões de pegação seguiam mais ou menos esse roteiro: a gente bebia, se pegava, ele se sentia culpado de estar traindo a outra lá e começava a chorar, eu consolava, ele dizia que isso nunca mais ia acontecer e ia embora. Dia seguinte, mesma coisa.

Durante meses.

Por que eu me sujeitava a essa situação ridícula? Ele morava do outro lado da rua. Gastar dinheiro com ônibus e metrô para encontrar uma pessoa maneira ou só atravessar a rua e pegar um babaca? Meu emocional sofria, mas meu bilhete único agradecia a economia.

Até que um dia eu e meu roommate, que trabalhava em um posto de saúde, decoramos a casa com panfletinhos explicativos sobre DSTs e camisinhas que ele trouxe do trabalho. Deixamos tudo junto com umas balinhas para as visitas levarem, praticamente uma sala de espera de ginecologista.

O italiano começou a ler os panfletinhos, olhou pra mim, fez que ia perguntar uma coisa e parou.

- Que foi?

- Nada.

Deixei quieto porque meu amigo voltou do banheiro e estávamos jogando um carteadado, mas a pulga ficou atrás da orelha. Mais tarde, quando ele estava indo embora, resolvi cutucar de novo.

- O que você ia me falar aquela hora?

- Se você tem alguma DST.

Até aí tudo bem, saúde em primeiro lugar, etc. Mas ele achou melhor desenvolver.

- Porque eu só tenho ficado com você e com a minha namorada e fico preocupado porque é foda PASSAR ALGUMA DOENÇA PRA PESSOA QUE VOCÊ AMA.

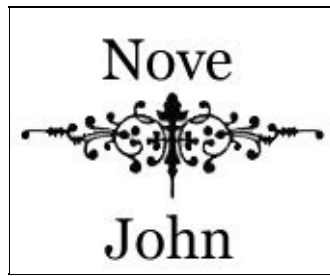
Tradução português-italiano: eu sei que você é vagabunda e eu fico preocupado por causa da mulher que eu amo que, por acaso, não é você.

Nunca fui apaixonada por ele nem nada, mas ser chamada de vagabunda na minha própria casa por um imigrante ilegal foi um pouco demais. Toquei ele pra fora e nunca mais nos falamos.

Mentira, no dia seguinte ele pediu desculpas e a gente voltou a se pegar.

Nossa, Polly, você não tem vergonha na cara? Tenho sim, mas não fica na cara. Fica guardada numa caixinha no fundo do armário gritando *me tira daqui, você está tomando decisões equivocadas!*

Pra não dizer que deixei ele me fazer completamente de palhaça, um dia liguei e disse que tinha feito um exame e precisava falar com ele urgentemente. Quase infartou, mas bem feito.



No final de 2007 eu não aguentava mais São Paulo nem o meu emprego e inventei pro meu chefe que estava com dengue. Fiquei um mês com dengue, foi hemorrágica, um horror.

O único problema é que eu ganhava por hora, então meu salário em dezembro foi de zero reais e zero centavos. Quando chegou o aluguel e o condomínio fiz o que qualquer pessoa faria: fugi pro nordeste na calada da noite.

Você deve estar pensando que sou uma pessoa horrível (e sou mesmo, mas de lá pra cá dei uma melhoradinha), então, se te consola, saiba que essa viagem foi uma das piores experiências da minha vida. 50 horas de viagem em um ônibus sem ar condicionado e com janelas que não abriam. O único ar fresco entrava pela saída de emergência do teto. Cheguei em Natal querendo me matar apenas para nunca mais precisar entrar em um ônibus novamente. Fácil não foi.

No albergue, após uns dias hibernando para superar o trauma, conheci uns ingleses que estavam indo para Pipa no dia seguinte.

-Vão de ônibus?

-Não.

-Então tô dentro.

O que eu não imaginava era que não ir de ônibus seria pior ainda. Pegamos uma van até o shopping. No shopping outra van até Parnamirim. Em Parnamirim outra van até Goianinha. Em Goianinha a van final até Pipa. Uma viagem de 80km levou quase quatro horas. Fácil também não foi.

Chegando em Pipa, meus amigos ingleses resolveram vagar pelas ruas em busca de um albergue barato e eu resolvi chorar porque não aguentava mais suar, carregar mala e sofrer. Um deles se comoveu e carregou minha mala pra mim. Como agradecimento, peguei.

Continuei pegando, até o dia em que ele lembrou que tinha namorada e não quis mais me pegar. Não sei muito bem o motivo até hoje, vai ver ainda estava meio desequilibrada de tanto sofrer na estrada, mas eu simplesmente me recusei a aceitar a decisão dele de não me pegar mais. Geralmente sigo a filosofia do se-não-quer-tem-quem-queira e cago pra rejeição, mas eu estava determinada a não ser rejeitada por ele.

Passei dois dias tentando desesperadamente agarrar ele de novo, culminando na última noite dele no albergue em que simplesmente achei que seria interessante invadir seu quarto e tentar arrancar a roupa dele a força. O único problema é que entrei no quarto errado e tentei arrancar a roupa do amigo dele, que simplesmente me pegou pelo cangote e botou pra fora do quarto. Foi um daqueles momentos em que sua alma sai do corpo e você percebe o papel ridículo que está fazendo.

Uns anos depois, ainda sofrendo com o fantasma desse papelão, resolvi procurar esse cara no Facebook. Por quê? Não sei. Pra pedir desculpas pela situação ridícula que fiz ele passar, acho.

A conversa pelo Facebook estava muito estranha, ele me perguntando umas coisas meio sem cabimento tipo "e quantas vezes a gente transou mesmo?" ou "e fui eu que dei em cima de você?". Até que DUM DUM DUUUUUMMM ele revelou que na verdade era a namorada logada com a senha dele. Oops. Mais uma coisa pra me desculpar caso um dia encontre com ele de novo.



Após o fiasco com o John eu deveria ter dado um tempo da galinhagem, mas achei mais conveniente superar o trauma dando para o primeiro que aparecesse na minha frente.

Felizmente o primeiro que apareceu foi um sueco gracinha, que não lembro o nome porque o que ele tinha de lindo eu tinha de bêbada.

Nos conhecemos na praça principal, quando eu ainda estava sóbria, e ele estava jogando baralho com o irmão e bebendo caipirinha. Foi uma linda visão, minhas três grandes paixões reunidas: piroca, álcool e jogatina. Se também tivesse rolando um karaokê, eu acharia que estava sonhando.

Jogamos um pouco, conversamos o mesmo papo furado de mochileiro de sempre *de onde veio- pra onde vai- onde tá ficando*. A única coisa que lembro do papo é que estavam hospedados no caminho pra Praia do Amor. Lembro bem disso porque quando ele deu essa info pensei *hm, é gato mas não vale a caminhada até lá não. Se fosse pra pegar ele e o irmão eu até pensava no caso*. Se um dia inventarem um app que lê pensamentos nunca mais pego ninguém na vida.

Papo vai, papo vem, o irmão dele se engraçou com a outra piranha de plantão da cidade e eu desci com ele pra praia.

Muita gente não curte transar na praia, mas eu não tenho nenhum problema com isso. Só requer alguns cuidados, principalmente na hora de tirar a roupa.

Não dá pra sair jogando tudo por aí displicentemente porque depois, no escuro, você nunca mais acha. Perdi incontáveis calcinhas e chinelos assim. Com anos de prática desenvolvi a técnica de ir tirando tudo e já ir enfiando na bolsa, pra não ter perigo de perder nada. Mas nesse dia eu estava sem bolsa, saí só com a carteira na mão porque ia só comprar um sorvete (sair só pra tomar um sorvete e acabar dando pra um sueco: quem nunca?). Então, pra não perder minha carteira, dei para ele guardar no bolso antes de descermos pra praia.

Descemos e transamos muito e foi lindo. Sabia que nunca mais veria na vida porque ele ia embora no dia seguinte, mas foi bom enquanto durou. No caso, cinco horas.

-Boa noite.

-Boa noite.

Acordo no dia seguinte com aquela adorável ressaca de quem bebeu caipirinha demais e não tem a menor ideia de quanto dinheiro gastou. Fui conferir o estrago na carteira e... a carteira ficou no bolso dele.

Qual o nome? Não lembro

Está em qual pousada? Não lembro.

Tive que me arrastar de pousada em pousada no caminho da Praia do Amor perguntando na recepção se dois irmãos suecos estavam hospedados lá. Se a história com o John ainda não tinha solidificado minha fama de piranha oficial da cidade, isso eliminou qualquer dúvida.

Quase na última pousada possível, finalmente encontrei. Eles já estavam terminando de fechar a mala para ir embora, mais cinco minutos e teria perdido minha carteira pra sempre, junto com mais um pedacinho da minha dignidade.



O pior dia da minha vida foi em abril de 2009. Já tive dias bem ruins, mas nesse eu olhei a morte nos olhos.

Quando terminou o Big Brother 9, eu resolvi relaxar um pouco em Búzios. Quem acha que cobrir reality show é fácil deveria passar três meses ouvindo a voz de vovó Naiá pra aprender o que é sofrer.

Logo no primeiro dia fui tomar uma cervejinha na praia e fiquei amiga da dona do quiosque. Uma argentina maravilhosa chamada Lola, que me encheu de bebida a tarde toda, enquanto eu ouvia suas histórias de Buenos Aires.

A última coisa que me lembro foi ela dizendo que, na época dela, a melhor coisa para embebedar alguém era vodca misturada com campari. Para testar a teoria, tomei duas doses. E corta pro dia seguinte.

Acordei com a dona do quiosque me esperando na recepção do albergue. Fodeu, pensei. Saí sem pagar e ela veio me cobrar. Mas não, ela só queria saber se eu estava bem.

- Tô ótima, por quê?
- Ontem você não conseguia andar, meu filho te trouxe pra cá de carro e te carregou até o quarto.

Palmas pra ele, porque leve eu não sou.

- Nossa, eu tava mal assim?
- Tava, quis te levar para o hospital mas você começou a chorar e disse que não podia porque era procurada pela polícia.

Ana Paula Barbi, mentindo compulsivamente desde 1983.

- Bom, tá aqui o brinco que você deixou cair no carro do Vitor. Aparece lá depois pra gente conversar mais.

Prometi que iria, até porque eu precisava agradecer o filho fisiculturista dela por ter me carregado.

Tomei um banho e fui almoçar na rua da pedras. Eu estava bem. Aquela vontadezinha de morrer de ressaca mas, pra quem tinha sido carregada no dia anterior, eu estava ótima.

Comi um estrogonofe meio ruim e voltei pro albergue para um cochilo na beira da piscina. Depois de uns quinze minutos, comecei a sentir um mal estar e achei que minha pressão estava caindo. Levantei pra ir na recepção comprar uma água, mas no primeiro passo vomitei no canteiro. Falta de modos vomitar nas plantas, então corri para o banheiro ao lado da ducha. Quando ajoelhei para vomitar mais, meu cu explodiu.

Deve haver uma maneira menos gráfica de descrever isso, mas meu cu realmente explodiu. Enquanto eu vomitava, meu cu explodiu um Pollock fecal na parede. Então veja a situação: Eu toda cagada, tendo que limpar uma parede igualmente cagada, sem conseguir parar de vomitar.

Passei os próximos três dias cagando e vomitando simultaneamente, a força de um impulsionando o outro. Nunca tive tanta certeza da morte, a cada vomitada eu apenas rezava para Lúcifer me levar logo e acabar com esse sofrimento.

No quarto dia finalmente consegui vomitar sem me cagar.

No quinto dia passei a manhã toda sem cagar ou vomitar, então achei que estava pronta para voltar a viver. Resolvi cumprir minha promessa de visitar a argentina no quiosque, mas quando cheguei ela não estava, só o filho.

Começamos a conversar, agradei por ter me carregado e ele perguntou se eu queria uma cerveja. Disse que tinha parado de beber por causa do papelão do outro dia. Mentira, mas melhor do que dizer não obrigada, passei os últimos quatro dias me esvaindo em fezes.

Ficamos de papo até a hora do quiosque fechar e ele se ofereceu pra me dar uma carona de volta pro albergue. Chegando lá começamos a nos beijar e eu senti.

Estava voltando.

A pressão baixando.

O calafrio.

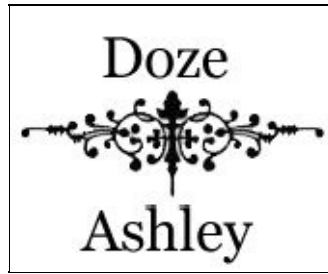
Tive que decidir rápido se preferia me cagar ou vomitar na boca dele. Vomitei.

Então vamos recapitular minha história de amor com esse rapaz:

1º dia: Teve que me carregar completamente bêbada.

2º dia: Vomitei na boca dele.

Se alguém ainda estiver se perguntando: não, nunca mais nos vimos.



Por algum motivo que jamais conseguirei explicar, em junho de 2012 eu resolvi botar um anúncio no craigslist atrás de sexo.

O anúncio era basicamente **Gorda de 29 anos quer dar**. Com umas outras bobagens no meio, mas a essência era essa.

Não achei que alguém responderia, mas a quantidade de fotos de piroca que recebi daria uma volta ao mundo.

Depois de muito peneirar todos aqueles paus encontrei um cara que parecia interessante. Quero dar mas também não é assim, tem que ser minimamente suportável. Passamos dias conversando até perceber que, pra quem só queria dar, eu estava falando demais. Combinamos então de nos encontrar no final de semana. Ele não morava em Londres, então reservou um hotel perto de casa.

O problema é que eu tenho um problema: sempre quero muito sair, mas, assim que preciso sair, tudo que mais quero é ficar em casa. Faltando quarenta minutos pro date eu ainda tava de pijama, só pensando em ver The Nanny embaixo do edredom. Fiz um drink para me animar e meia garrafa de absolut depois eu estava pronta pra sair de casa.

20ª Lei de Newton: Todo corpo que consumir meia garrafa de vodca antes de sair de casa tá pedindo pra dar merda.

Saí de casa com uma hora de atraso e no metrô comecei a perceber que estava bem bêbada. Tão bêbada que achei que era o caso de perguntar para a pessoa sentada do meu lado se ela tinha percebido o quão bêbada eu estava.

Cheguei no lugar que combinamos e ele estava puto com o meu atraso. Como sou uma pessoa com traquejo social, em vez de me desculpar pelo atraso, insisti para que a gente fosse para o bar onde os meus amigos estavam. O que deixou ele ainda mais puto. Não sei muito bem o que eu queria com isso, acho que meu plano era fugir.

Depois disso só tenho uns flashes. Eu destruindo Backstreet Boys no karaoke, eu decidindo que essa foda tava demorando muito e levando ele pela mão prum táxi e falando vamo transar logo que quero ir pra casa.

O quarto do hotel era minúsculo, tão minúsculo que a porta não abria inteira porque a cama de solteiro ficava no caminho, e num dado momento ele simplesmente deitou no chão e me deixou sozinha na cama. Fiquei insistindo pra ele voltar e quando ele se recusou eu disse *ok, então vou deitar em cima de você*.

Por quê? Jamais saberemos.

Daí eu tava lá, esmagando esse pobre diabo que estava tão a fim de mim que preferia deitar nos trinta centímetros de chão disponíveis do que na cama comigo, quando me bateu um momento de clareza e sobriedade em que pensei "o que eu to fazendo da minha vida?" e fui embora.

Do sexo eu não lembro direito, mas acordei no dia seguinte com aquela sensação de "acho que dei o cu". Quem nunca, etc.



Meu caso de amor com Cardiff foi paixão à primeira vista. Assim que cheguei na cidade pela primeira vez, logo que desci do trem, avistei uma pessoa vestida de banana atravessando a rua. Sabia que tinha encontrado meu lugar no mundo.

Sempre falei tão bem dessa terra abençoada por pessoas vestidas de banana que convenci meus amigos a passar o réveillon lá.

Coisas que aconteceram na nossa primeira noite:

- Um cara me chamou e perguntou se podia pegar nos meus peitos, eu disse que não e ele educadamente agradeceu e se despediu com *obrigado pelos seus peitos*. Achei gentil.

- Fizemos um amigo muito bêbado que se pendurou em um banheiro químico e caiu de costas no chão. Certa de que ele tinha morrido, saí de perto correndo para não ser interrogada.

- No cercadinho do fumódromo de um bar, enquanto decidíamos se íamos entrar ou não, um cara me chamou e perguntou se eu queria dar pra ele. *Hm, não sei, deixa eu ver seu pau*. Botou pra fora e chamei meus amigos pra me ajudar a analisar se era o caso de dar pra ele ou não. Não era.

E foi daí pra baixo.

Apesar do sucesso que meus peitos fizeram, achamos meio ridículo ninguém ter pegado ninguém, então na noite seguinte fizemos algo muito maduro: combinamos que quem não pegasse ninguém não entraria no quarto.

A noite foi tão mágica quanto a anterior, mas quando voltamos todos seguiam no zero a zero. Como não sou de fugir de desafios e sou ridiculamente competitiva, resolvi que ia pegar alguém nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.

Saí do quarto disposta a pegar a primeira pessoa que estivesse de bobeira na recepção, mas logo na escada vi um cara indo inocentemente tomar sua vitamina C antes de dormir. Arrastei pelo braço pro nosso quarto como um leão arrasta uma gazela para sua cova.

Imagino o que se passou pela cabeça dele, de pijama, segurando um tubo de vitamina C, de repente num quarto com quatro pessoas sendo sexualmente agressivas pra cima dele. No mínimo ele achou que rolaria um ritual satânico.

No final ele beijou todo mundo e, como não sei a hora de parar, transei com ele enquanto meus amigos eram embalados pelo doce balanço da beliche.

Na noite seguinte diz que ele bateu no nosso quarto de madrugada, mas tava bêbada demais pra ouvir. Ainda me mandou umas mensagens quando voltei pra Londres mas nunca mais vi.

What happens in Cardiff stays in Cardiff.



O título de St. Patrick's day mais ridículo sempre pertenceu a 2008, quando fui parar embaixo do boi num desfile de boi-bumbá em Pipa (o boi não tinha nada a ver com a data, foi apenas uma feliz coincidência), mas daí em 2013 eu e Mariana resolvemos sair pelas ruas de Londres após beber uma garrafa de gin.

Mariana começou a me constranger já no ônibus, conversando com umas crianças dizendo que vinha de um país onde se fala outra língua e as crianças com cara de *moça, todo mundo nessa cidade veio de um país onde se fala outra língua*. Ou estavam com cara de *moça, você tá fedendo bebida, sai de perto de mim*. Não sei qual.

Tentamos alguns pubs irlandeses no centro, mas todos estavam lotados. Num deles não me deixaram entrar porque estava sem nenhum documento de identificação. Em qualquer outra situação seria lisonjeiro uma pessoa exigir suas identidade aos 29 anos de idade, mas quando está chovendo e você só quer tomar uma cerveja em um ambiente coberto é um pouco frustrante.

Decidimos, então, desistir dos pubs irlandeses e ir para Camden porque o que importa é beber, não importa onde. Esse é o verdadeiro espírito dessa data santa.

Para ter mais foco, e porque se fosse só pra sentar e beber a gente já faz isso todo dia, resolvemos peregrinar em todos os pubs da Camden High Street até o final da rua (ou até a morte, o que chegasse primeiro).

Entrando no primeiro pub, Mariana já não tava bem. Encontramos com um amigo dela que era simpático, mas também não bebia porque era muçulmano, então não servia pra muita coisa.

Depois de três pubs paramos pra um cachorro quente, mais para evitar a morte do que por fome. O salsicheiro era uma graça e perguntei brincando que horas ele largava pra gente se conhecer melhor.

Era só brincadeira, eu estava focada em terminar a romaria dos pubs, não podia me distrair com piroca, mas o muçulmano sóbrio levou a sério e começou a conversar com o salsicheiro em árabe porque coincidentemente os dois eram da Argélia.

Combinaram, sem a minha opinião, que ele encontraria a gente no pub da próxima esquina no fim do expediente. Quis protestar, mas, vendo que Mariana não tava bem, achei melhor aceitar acabar a romaria naquele pub mesmo para evitar uma tragédia.

Na hora marcada, ele apareceu e, naquela altura do campeonato, Mariana não conseguia mais ficar em pé e/ou acordada. O segurança ameaçou botar ela pra fora se não ficasse pelo menos de olho aberto, e o muçulmano, então, se ofereceu para levá-la para casa enquanto eu e salsicheiro argelino continuaríamos no bar para terminar nossas cervejas.

Finalmente fomos para minha casa, mas eu morava tão longe que não havia paixão que resistisse a três baldeações de metrô. Quando chegamos eu só queria que ele fosse embora para poder dormir, mas transamos mesmo assim.

Depois do sexo, em vez de ir embora, ele pediu para usar meu telefone. Deixei porque sou gentil.

Ligou pra alguém, falou uns cinco minutos em árabe, desligou e começou a ligar para outra pessoa. Perguntei pra quem ele ia ligar agora, porque sou gentil mas não sou otária.

- Estou tentando comprar haxixe.

- Amigo, meu celular não é orelhão de favela, vai comprar haxixe em outro lugar.

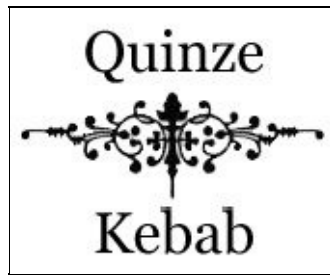
Ele ficou ofendidíssimo, se vestiu e foi embora sem me dirigir uma palavra. Me chatearia, mas achei ótimo. Não via a hora de botar meu pijama e desmaiar.

No dia seguinte achei a cueca dele atrás da cama. Ficou tão puto na hora de ir embora que foi sem cueca mesmo.

Obviamente, só isso não seria o suficiente para dar o título de louco a ele. Quem nunca tentou comprar haxixe com o celular dos outros que atire a primeira pedra. Mas esse demente começou a me ligar todos os dias nos horários mais bizarros possíveis.

Ligava dez vezes seguidas às duas da tarde, depois mais vinte ligações às três da manhã. Era um inferno. Pensei em trocar de número, mas não queria deixar o salsicheiro argelino dominar minha vida. Isso se arrastou por meses e só parou quando voltei para o Brasil e desativei a conta.

Nunca atendi nenhum dos cinquenta milhões de telefonemas, então jamais soube o que ele tanto queria falar comigo. Às vezes me pergunto se ele só queria a cueca de volta.



Se você aprendeu algo sobre mim ao longo dessas histórias é que dignidade não é meu forte. Com esse cara não foi diferente.

Fui obcecada por ele durante quase três anos e não tenho a menor ideia de como ele se chama, então por aí você vê a atenção que eu dou para o nome dos outros.

Minha obsessão começou em 2010. A lojinha de kebab dele era estrategicamente localizada entre o karaokê que frequentava toda sexta e o ponto de táxi que pegava pra ir embora. Em três anos, esse homem nunca me viu sóbria.

No começo do meu amor ele namorava, então minha vida era tentar convencê-lo a terminar. Quando finalmente terminou, ele não queria ficar com ninguém porque ainda estava pensando nela. Um dia eu disse que não me importava, podia pensar na outra o quanto quisesse, e ele mandou eu me valorizar. Me valorizei? Mas é claro que não.

O tempo passou e voltei para o Brasil sem provar o kebab dele.

Em 2012, quando voltei pra Londres, a paixão reacendeu. Agora ele estava solteiro e aparentemente tinha superado a ex. Era agora ou nunca.

Foi nunca.

Passei mais um ano tentando pegar esse homem e nada. Até que na minha última sexta em Londres decidi que essa piroca turca seria minha nem que fosse a última coisa que eu fizesse na vida.

Inventamos pra ele que ia rolar uma festa o final de semana todo em casa e ele poderia aparecer quando quisesse. Isso só era meia mentira, realmente ia ter uma festa, mas em vez de uma rave alucinante de três dias seriam apenas seis pessoas e algumas bexigas do Bob Esponja.

O final de semana todo, sempre que ele me ligava para saber como estava a festa eu já estava no décimo sono.

Na segunda-feira a noite fui beber com meus amigos e resolvi aceitar o fracasso. Meu voo era na manhã seguinte, se não tinha rolado até agora, não rolaria mais. Sem contar que meu estado era esse aqui:



Bêbada, derrotada e cheia de flores caídas da Columbia Road no cabelo, entrei num táxi e fui pra casa. No caminho, passamos pela lojinha e ele estava fumando na porta. Pedi para o motorista encostar, abaixei o vidro do carro e entreguei a flor do meu cabelo pra ele e parti. Se tivesse roteirizado essa cena, não teria sido melhor.

Ele me ligou logo em seguida, perguntou que horas era meu voo e disse que ia pra casa assim que pudesse.

Cinco da manhã, o kebabeiro finalmente chegou. Nessa hora, após me manter acordada bebendo ininterruptamente, meu estado era esse:



No final das contas nem foi tão bom assim (meio porque eu tava bêbada e cansada demais, meio porque ele era ruim de cama mesmo) mas fica a grande lição: nunca desista de seus sonhos.

Mesmo que para alcançar seus sonhos você tenha que passar três anos se humilhando.

Epílogo



Se realmente aprendêssemos algo com nossos erros eu seria um gênio.

Fim.